

# Os reais perigos da IA para a democracia\*

*Dean Jackson e Samuel Woolley*

*Dean Jackson é membro não residente do Laboratório de Pesquisa Forense Digital do Atlantic Council e diretor da Public Circle, LLC, uma consultoria de pesquisa focada em democracia, tecnologia e mídia. Samuel Woolley é professor associado de comunicação e ocupa a cátedra William S. Dietrich II em Estudos de Desinformação na University of Pittsburgh.*

O ano de 2024 começou com previsões de que uma onda de desinformação e informações falsas impulsionadas pela inteligência artificial (IA) logo se tornaria a maior ameaça à estabilidade global.<sup>1</sup> Especialistas afirmaram que meses de “eleições por IA” estavam por vir, à medida que campanhas, publicitários e indivíduos com motivações políticas em todo o mundo experimentavam com a IA<sup>†</sup>.

De fato, surgiram esforços de influência impulsionados pela IA. Chatbots imitaram políticos online e campanhas usaram avatares de desenhos animados para reabilitar a imagem pública de seus candidatos. Candidatas mulheres foram vítimas de imagens íntimas não consensuais

---

\* Publicado originalmente como “AI’s Real Dangers For Democracy”, *Journal of Democracy*, Volume 36, Number 4, January 2025 © 2025 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.

† Em 2024 houve eleições para diferentes cargos públicos em mais de cem países, entre eles em oito dos dez mais populosos, incluindo os Estados Unidos da América, onde vivem os autores deste artigo (N. E. brasileiro).

geradas por IA. As redes sociais foram inundadas por reportagens de sites jornalísticos falsos geradas por IA. Campanhas e operadores políticos fizeram uso de discadores e disparadores de mensagens de texto automáticos movidos por IA. Vídeos gerados por IA trouxeram líderes nacionais de volta dos mortos para apoiar candidaturas.

No entanto, em janeiro de 2025, era difícil dizer se tudo isso tinha resultado em um estrondo ou um gemido. Apesar dos alertas sobre imagens falsas indetectáveis geradas por IA destinadas a enganar os eleitores, os acontecimentos deram razão àqueles que argumentavam que a capacidade de proliferar conteúdo de forma rápida e barata não ajudaria os propagandistas de maneira significativa.<sup>2</sup> A IA generativa facilitou a produção de conteúdo enganoso, mas o volume em si tem valor limitado em uma internet já saturada, e não é necessário sofisticação técnica para persuadir as pessoas de coisas nas quais elas já acreditam. Parece provável que os temores pré-existentes sobre as mídias sociais e a desinformação estivessem sendo projetados — muitas vezes erroneamente ou sem evidências empíricas — sobre a IA generativa. No entanto, a IA generativa parece estar estimulando uma mudança lenta, porém constante, na forma como a comunicação política é criada e disseminada por trás dos bastidores. Os ativistas eleitorais de hoje estão experimentando sistemas de IA para aumentar suas análises de dados e mensagens direcionadas.<sup>3</sup> Isso pode levar a uma segmentação mais refinada (por exemplo, de eleitores indecisos) nos próximos anos.

Tendo passado a urgência daquele importante ano eleitoral, agora podemos pensar mais profundamente sobre os riscos de longo prazo para as comunicações políticas impulsionadas pela IA — riscos que são sérios, mas que estão a anos ou décadas de distância, e não a semanas ou meses. Isso inclui ameaças à democracia decorrentes diretamente da forma como as sociedades escolhem desenvolver e implementar a IA. Esses temores são distintos dos alertas sobre riscos existenciais para a humanidade, da IA “fora de controle” ou a chegada da inteligência artificial geral (AGI, um termo vago que a OpenAI usa para se referir

a “sistemas altamente autônomos que superam os humanos na maioria das atividades econômicas”).<sup>4</sup>

Muitos continuarão a se concentrar nesses riscos, que são reais, mas também frequentemente sujeitos ao sensacionalismo (que atrai

---

***Muitos “guerreiros” da IA estão trabalhando abertamente por um mundo em que a IA substitua grande parte da infraestrutura que faz a democracia contemporânea funcionar. Alguns nomes no Vale do Silício chegam a argumentar que a era da democracia já passou e estão ressuscitando ideias outrora desprezadas de tecnocracia.***

---

visualizações e cliques). A atenção também deve ser voltada para mudanças mais graduais e menos dramáticas. Assim como uma direção segura, uma governança segura da IA requer estarmos simultaneamente conscientes de diversos riscos em múltiplas linhas temporais: tanto o carro logo à frente quanto a longa curva em declive mais adiante. Na luta global contra a desinformação, são necessários esforço coletivo e tempo para

determinar quais preocupações são exageradas e quais são subestimadas. Isso também se aplica àqueles que imaginam um mundo onde a IA e a democracia coexistem.

Em setembro de 2023, os tecnólogos Bruce Schneier e Nathan Sanders descreveram três “facções profundamente divididas” lutando para decidir a política de IA.<sup>5</sup> A primeira facção, que eles chamaram de “catastrofistas”, temia um futuro em que sistemas de IA incontroláveis escravizariam ou até destruiriam a humanidade. Um segundo grupo, os “guerreiros”, previa uma corrida de soma zero entre os Estados-nação para desenvolver e controlar a IA, com o vencedor alcançando a liderança global pelo resto deste século e talvez além.

A terceira facção, que Schneier e Sanders chamaram de “reformistas”, queria impedir as ameaças aos direitos que acreditavam que a adoção irresponsável da IA traria, mas com foco no curto prazo. Já existem muitos exemplos de violações de direitos algorítmicas e impulsionadas

pela IA em todo o mundo: preconceitos raciais incorporados em algoritmos de sentenças criminais causam resultados desiguais nos sistemas de justiça; algoritmos antifraude e outros algoritmos discriminativos impediram erroneamente que as pessoas recebessem benefícios sociais; e um algoritmo usado para dar nota nas avaliações escolares no Reino Unido reduziu as notas dos alunos da classe trabalhadora e impediu muitos de ingressarem na universidade.

Por anos, os governos têm usado computadores para tomar decisões sobre pedidos de reembolso de despesas médicas, investigações conduzidas por órgãos de proteção à infância e assistência habitacional. Os grandes modelos de linguagem (ou LLM, o software por trás de serviços como o ChatGPT) tornarão essa prática mais opaca e mais difundida. À medida que o uso da IA se espalha, ficará cada vez mais difícil encontrar e corrigir as injustiças que ela automatizará em um número crescente de domínios. Também é preocupante que a IA esteja sendo implementada — inclusive por governos — enquanto ainda é muito rudimentar e sem verificação ou moderação suficientes.<sup>6</sup> Isso causará problemas ainda mais graves e difíceis de detectar.

A desigualdade e a exclusão social são, obviamente, muito anteriores à IA, mas a tecnologia pode conferir nova força e alcance a males antigos: considere o quanto a indústria fez para aumentar a letalidade e o potencial destrutivo da guerra. Além disso, a tecnologia desenvolvida para um propósito muitas vezes pode ser usada para outro. Na China e nos Estados Unidos, por exemplo, os dados coletados de mídias sociais, leitores de placas de veículos, câmeras de reconhecimento facial, registros governamentais e outras fontes foram inicialmente coletados para uso em segurança pública e contraterrorismo, antes de contribuir para novas formas de policiamento preditivo.<sup>7</sup> Essa usurpação e a existência desse panóptico alimentado por IA produzem um efeito inibitório sobre a atividade política.

## As escolhas de hoje moldarão o amanhã

Embora compreendamos as preocupações imediatas dos reformadores, queremos chamar a atenção para as formas como, no longo prazo, a IA poderá pressionar — ou mesmo abalar — os alicerces dos sistemas políticos democráticos do mundo todo. O primeiro passo para a sabedoria é deixar de lado o tecnodeterminismo: na construção do futuro, a agência humana é importante. Os formuladores de políticas e líderes empresariais de hoje estão escolhendo como a IA será desenvolvida e utilizada nas sociedades em todo o mundo nas próximas décadas. Em outras palavras, a IA é um exemplo de “tecnologia normal” cujo impacto será decidido por aceleradores e barreiras de proteção criados e definidos pelos seres humanos.<sup>8</sup>

E se, nas próximas duas décadas, as preocupações com a IA descontrolada não se concretizarem, mas, em vez disso, o lobby da indústria e a pressão da competição entre grandes potências levarem à adoção da IA com pouca regulamentação?<sup>9</sup> A tecnologia poderia mudar os processos, as instituições e as pré-condições socioeconômicas que permitiram à democracia prosperar durante a maior parte do século passado. Muitos “guerreiros” da IA estão trabalhando abertamente por um mundo em que a IA substitua grande parte da infraestrutura que faz a democracia contemporânea funcionar. Alguns nomes no Vale do Silício chegam a argumentar que a era da democracia já passou e estão ressuscitando ideias outrora desprezadas de tecnocracia.<sup>10</sup> Como alerta o cientista político Henry Farrell, a corrida pela superinteligência humana está levando atores poderosos, cujos interesses materiais e ideológicos são hostis à democracia, a promover sistemas de IA como substitutos para as funções desempenhadas pelos governos.<sup>11</sup>

Se o atual boom da IA levar à sua adoção sem reflexão suficiente, prevemos três tendências, cada uma delas prejudicial à democracia. Primeiro, os esforços apoiados pela IA para simplificar ou mesmo substituir a comunicação política entre autoridades políticas (atuais e aspirantes) e o público romperão o ciclo de feedback entre governantes

e governados, que é o cerne da democracia representativa. Segundo, a IA exacerbará as concentrações existentes de riqueza e poder e transformará a democracia em um simulacro vazio. Terceiro, a consolidação em larga escala de informações por LLM, juntamente com a capacidade da IA generativa de se apropriar e ofuscar trabalhos originais gerados por humanos, terá consequências econômicas para as fontes já escassas de notícias e informações confiáveis. A crise epistêmica atual se aprofundará, enquanto o setor de tecnologia obtém um controle ainda maior sobre as informações e o debate público.

A representação popular e as eleições nem sempre foram sinônimos de democracia. Na Atenas antiga, os cidadãos eram sorteados para a Assembleia, e os fundadores dos Estados Unidos mantinham uma distinção entre a república representativa que criaram e a democracia “pura”. Hoje, porém, os termos são amplamente intercambiáveis.

Isso obscurece a complexidade dos processos pelos quais o governo representativo traduz a vontade popular em políticas. Esses processos são frequentemente arcaicos, imperfeitos e frustrantes. Mudanças técnicas no desenho dos distritos e na contagem de votos podem alterar significativamente os resultados, fazendo com que os partidos cresçam ou diminuam em número e que os políticos se tornem mais ou menos propensos à polarização, por exemplo. A dependência das eleições — muitas vezes com baixa participação — para reunir opiniões de cidadãos com níveis muito variados de conhecimento político e educação há muito tempo desanima muitos observadores. O debate político muitas vezes parece infrutífero e até mesmo tóxico.

Os tecnólogos oferecem a IA como um meio de melhorar os processos democráticos, como campanhas políticas, serviços aos eleitores e pesquisas de opinião.<sup>12</sup> Em 2024, por exemplo, um candidato à Assembleia Geral da Pensilvânia utilizou um robô de ligações automáticas com IA, cujo criador imaginou que autoridades estaduais e locais poderiam um dia usar esses chatbots para coletar e analisar as opiniões dos eleitores.<sup>13</sup> Hoje, as autoridades americanas estão começando a usar a IA na tentativa de examinar contratos, detectar fraudes e lidar com os beneficiários

de serviços públicos. O ex-CEO do Google, Eric Schmidt, chegou a prever que a IA transformará fundamentalmente o governo, permeando os processos legislativos e judiciais.<sup>14</sup>

Os comentários públicos<sup>‡</sup>, uma parte importante do processo regulatório dos EUA, já estão sendo manipulados por conteúdo gerado por computador. Em 2017, por exemplo, uma chamada pública da Comissão Federal de Comunicações sobre a revogação da “neutralidade da rede” recebeu 22 milhões de respostas, cerca de um terço das quais foram identificadas como contas automatizadas criadas por empresas de telecomunicações, enquanto outro terço veio de um único estudante de ciência da computação. A IA generativa torna esse tipo de manipulação muito mais fácil de escalar e refinar. O Congresso elaborou uma “Lei de Integridade e Gestão de Comentários” para abordar essa questão em 2024, mas ela ainda não foi aprovada.<sup>15</sup> Alguns observadores preveem que, no futuro, os pesquisadores usarão a IA para fazer inferências a fim de compensar o declínio nas taxas de resposta às pesquisas, substituindo eleitores reais por eleitores hipotéticos.

De maneira mais profunda, as pesquisas e os modelos formais não oferecem nenhum dos benefícios da deliberação, que a ciência política e cognitiva considera essencial para a tomada de decisões em grupo. A deliberação é fundamental tanto para o debate público quanto para os processos legislativos. Por meio dela, as pessoas desafiam preconceitos, questionam suposições, solicitam informações e chegam a um consenso, alcançando conclusões mais defensáveis e decisões mais duradouras. Quando uma série de experimentos de campo reuniu 500 eleitores dos EUA para discutir questões políticas controversas, desde saúde até imigração, suas opiniões políticas se aproximaram e eles se tornaram menos hostis aos membros do partido político adversário.<sup>16</sup>

É razoável esperar que conclusões semelhantes se apliquem aos legisladores: quanto mais eles dependem de dados para formar sua

---

<sup>‡</sup> Nos Estados Unidos, o comentário público é um processo exigido por lei que permite que indivíduos e grupos enviem feedback, opiniões e dados sobre regulamentos ou políticas governamentais propostos antes que eles sejam finalizados. (N.E brasileiro)

posição, mais rígida se torna sua postura e mais polarizada se torna a legislatura. Os políticos que dependem de dados de pesquisas também têm menos incentivo para fazer concessões e são mais propensos a confiar em mensagens “direcionadas” que visam grupos específicos de eleitores com interesse em questões divisivas.<sup>17</sup> O resultado é uma comunicação política mais parecida com slogans gritados em um megafone do que com um diálogo ou debate ponderado.

Em *A ideia de justiça*, o economista Amartya Sen descreve a democracia como o processo de raciocínio público que permite que perspectivas conflitantes coexistam sob uma governança compartilhada.<sup>18</sup> As tentativas de substituir esse processo pela IA refletem um impulso tão antigo quanto a *República* de Platão: a esperança de que o conhecimento técnico perfeito possa substituir processos deliberativos que são lentos, frustrantes e quase nunca totalmente satisfatórios. No entanto, esses processos perduram há séculos, sobrevivendo a muitos rivais. Eles são bem-sucedidos justamente porque são lentos e deliberativos. Não podem ser contornados ou substituídos pelo poder da computação. Fazer isso os tornaria antidemocráticos.

## Desigualdade, tecnocracia e oligarquia

O segundo risco que prevemos decorrer da IA irrestrita é a corrosão mais rápida da democracia pelo aumento das disparidades econômicas. Essa não é uma tendência nova, mas a IA pode piorá-la: os estudiosos concordam amplamente que os ganhos da tecnologia da informação no final do século passado alimentaram uma desigualdade mais acentuada e esperam que avanços como a IA façam o mesmo neste século.<sup>19</sup> As mudanças previstas para os mercados de trabalho são dramáticas. Dario Amodei, o CEO da Anthropic, acredita que a IA poderá substituir metade de todos os empregos de colarinho branco de início de carreira dentro de cinco anos. Pelo menos uma start-up, a Mechanize, afirma que sua missão principal é automatizar o trabalho administrativo o mais rápido

possível. Uma manchete recente afirmou que o mundo poderá em breve ver sua primeira empresa bilionária com um único funcionário humano.

Estudos recentes sustentam que a desigualdade — seja de riqueza ou de renda — é um forte indicador do declínio e colapso da democracia, mesmo em democracias mais antigas, porque impulsiona tendências negativas como desconfiança, polarização, cinismo e populismo autocrático.<sup>20</sup> A maioria das análises se concentra nesses fatores mais amplos, enquanto outra lente comum de pesquisa examina como as mudanças nos mercados de trabalho afetam fatores como diferenças salariais, acesso à educação e participação cívica e social. Em artigo publicado no *Journal of Democracy*, Stephanie Bell e Anton Korinek sugerem que, se a IA ampliar a diferença entre ricos e pobres, as democracias poderão degenerar em sistemas oligárquicos corruptos que, em um ciclo vicioso, poderão gerar reações populistas mais profundas entre cidadãos frustrados com elites insulares e injustas.<sup>21</sup>

Os governos são propensos a serem capturados por grupos e indivíduos com muitos recursos, e os multimilionários da tecnologia têm muitos recursos. Eles podem querer manter as aparências da democracia e algumas de suas características precisamente porque um autocrata poderoso ameaçaria sua própria independência. No entanto, os atuais evangelistas antidemocráticos e ultraricos da IA vão além: enquanto os oligarcas da velha guarda queriam capturar o Estado, os novos promotores da IA querem suplantá-lo por completo.

Não é coincidência que alguns dos executivos de tecnologia mais ricos do mundo sejam ideologicamente contrários ao governo representativo e apaixonados por uma tecnologia que promete substituir as pessoas — e suas demandas confusas por justiça — por software. Na verdade, alguns teóricos esperam exatamente esse resultado, à medida que a enorme diferença entre os historicamente ricos do mundo e todos os outros aumenta. A democracia em um sistema capitalista é possível porque as elites ricas em capital valorizam uma força de trabalho instruída o suficiente para tolerar as demandas por redistribuição que ela fará; o poder de barganha dos trabalhadores e a participação em organizações

como sindicatos reforçam ainda mais o sistema. O que acontece quando as elites acreditam que a IA pode substituir esses trabalhadores humanos?

A crescente desigualdade de renda e os avanços tecnológicos estão mudando esses precursores estruturais da democracia. Hoje, os magnatas da tecnologia veem um futuro em que a IA aumenta o retorno do capital, substitui trabalhadores qualificados por máquinas e enfraquece ainda mais o poder de negociação da mão de obra, que já está diminuído. Em outras palavras, eles esperam tornar irrelevantes o público e suas exigências inconvenientes por serviços governamentais e justiça social.<sup>22</sup>

Se tudo isso é profundamente inquietante, considere um último perigo: a substituição da democracia por uma alternativa sintética provavelmente levará apenas a uma desigualdade e concentração de poder ainda maiores, criando um ciclo vicioso no qual o declínio democrático e a desigualdade se reforçam mutuamente. Na pior das hipóteses, seria necessário um colapso econômico ou um conflito civil para romper esse ciclo.

## **Os reis da selva da informação**

O terceiro desafio que prevemos é que o panorama da informação — já instável devido ao surgimento das redes sociais e às mudanças em resposta à IA generativa — possa se transformar de maneiras que tornem a democracia menos sustentável. Essa previsão se baseia em duas tendências: primeiro, fontes importantes de informação — de jornais de referência a veículos digitais — já estão enfrentando dificuldades econômicas, pois os LLM desviam o tráfego da web e diminuem uma fonte de receita que as redes sociais vêm sugando há anos. Segundo, à medida que os LLM se tornam um ponto de partida mais comum para os consumidores que buscam informações, um pequeno número de atores do setor de tecnologia ganhará mais controle sobre o debate público e a opinião pública.

Apesar das experiências válidas no uso da IA para complementar a cobertura jornalística, a atividade jornalística humana oferece benefícios que a IA não pode substituir. Como apontou a pesquisadora de mídia Courtney Radsch, a IA não vai entrevistar testemunhas de eventos noticiosos.<sup>23</sup> As nuances e o instinto profundamente contextuais e humanos que os repórteres proporcionam não são algo que podemos obter de uma máquina.

Atualmente, nas redações, a IA é frequentemente usada para produzir conteúdo de baixa qualidade (“churnalismo”<sup>§</sup>), que consiste em declarações oficiais levemente editadas ou não editadas, boletins policiais, resultados esportivos ou comunicados de imprensa de agências de relações públicas. Não se trata de reportagens com fontes, mas sim de reportagens desumanizadas por meio de variáveis selecionadas por processos computacionais em constante evolução. Esses processos são, no entanto, determinados por códigos de programação, rotulagem de dados e conteúdo gerado por pessoas, com seus preconceitos e desejos frequentemente incorporados ao resultado de maneiras opacas e preocupantes. O caráter oculto do papel humano nessas atividades dá a muitos a impressão enganosa de que a IA e os algoritmos, sejam eles voltados para notícias ou não, são de alguma forma mais “objetivos” do que a tomada de decisão humana. Na verdade, eles podem ser mais falhos e menos baseados em fontes confiáveis e devidamente citadas do que o conteúdo supervisionado por editores humanos tradicionais que seguem padrões claros de jornalismo ético.

Se a situação econômica já precária da indústria jornalística continuar piorando, as tarefas de responsabilizar as autoridades e ajudar a dar sentido aos eventos podem ficar a cargo de ninguém, já que apenas os humanos podem realizá-las. Da Wikipédia às redações, os profissionais do conhecimento estão preocupados com o fato de que os LLM estão sobrecarregando seus sites com raspadores de páginas web, plagiando seu

---

§ Expressão que mescla jornalismo com churn out, expressão em inglês que significa produzir algo em grande quantidade, de forma rápida e sem muita qualidade ou cuidado. (N. T.)

conteúdo e reduzindo o tráfego das pesquisas na internet.<sup>24</sup> Os resumos de notícias gerados por IA também podem diminuir a demanda dos consumidores por assinaturas de jornais e sites, reduzindo ainda mais a receita. À medida que fontes de informação confiáveis e verificadas minguam — treinadas por LLM, mesmo que estas diminuam o tráfego —, os consumidores de notícias terão menos fontes de informação sobre eventos recentes e, especialmente, locais. A internet já está inundada de conteúdo inútil, e a IA ameaça piorar ainda mais a situação.

Essa preocupação está no cerne de uma ação judicial movida pela empresa de tecnologia educacional Chegg contra o Google. O caso da Chegg é um processo antitruste que alega que menos usuários visitam o site da Chegg porque o Google coloca seus próprios resumos gerados por IA no topo dos resultados de pesquisa. Outro processo mostra como os maiores veículos de imprensa ainda podem sobreviver: o *New York Times* está processando a OpenAI, criadora do ChatGPT, por usar o conteúdo do jornal para treinar esse modelo e pela capacidade do modelo (quando solicitado) de reproduzir conteúdo desse jornal.<sup>25</sup> Muitos esperam que o caso termine em um acordo em que a OpenAI pagará pelo acesso ao material do jornal. Enquanto isso, editoras e veículos locais sem a influência e os recursos do *New York Times* correm o risco de serem deixados de lado.

Ironicamente, o empobrecimento dos editores da web também ameaça o desenvolvimento futuro da IA, resultando em um beco sem saída na superestrada da informação. Os LLM atuais foram treinados com trilhões de palavras e, para que os avanços mantenham o ritmo de melhoria estabelecido até agora, a IA precisará de uma quantidade exponencialmente maior de dados. De onde virão esses vastos oceanos de dados?

Alguns observadores sugeriram que a próxima geração de LLM poderia ser treinada com dados sintéticos — em resumo, as máquinas produziram conteúdo que treinaria outras máquinas. Mas e se o conteúdo produzido por humanos for difícil de substituir? Alguns pesquisadores sugerem que os sistemas de IA treinados com dados sintéticos produzidos por máquinas reverterem para a média ao longo do tempo, em um processo chamado “colapso do modelo”: quando modelos construídos

a partir de agregados estatísticos são sobrepostos uns aos outros, seus resultados podem se tornar mais homogêneos.<sup>26</sup> Outros pesquisadores esperam que os chamados modelos de raciocínio produzam resultados mais perspicazes sem a necessidade de um volume exponencialmente maior de dados de treinamento, mas um novo artigo de pesquisadores da Apple sugere que esses modelos pensam demais em problemas simples e desistem rapidamente dos complexos.<sup>27</sup>

Se os LLM se tornarem uma fonte importante ou mesmo primária de notícias e informações, eles poderão aprofundar a já preocupante capacidade das empresas de tecnologia de atuar como guardiãs da informação e moldadoras de opinião. Atualmente, o Google, o Facebook, o TikTok e o Twitter decidem quais conteúdos criados por usuários bilhões de pessoas veem. No entanto, pelo menos esses serviços transmitem (na maioria das vezes) conteúdo real criado por seres humanos reais. A IA generativa, por outro lado, cria seu próprio conteúdo por meio de combinações complexas de solicitações dos usuários, decisões tomadas durante o treinamento do modelo e salvaguardas e instruções que as empresas adicionam ao preparar modelos para uso do consumidor. Se os chatbots de IA começarem a fornecer grande parte da mídia que as pessoas usam, a influência dos executivos de tecnologia no debate público se tornará ainda maior e menos transparente.

Não se pode confiar a alguns magnatas, com seus próprios interesses econômicos e políticos, maior poder sobre o fluxo de informações. Incidentes recentes em que o chatbot de IA Grok, de Elon Musk, respondeu a perguntas de usuários com teorias da conspiração irrelevantes sobre genocídio branco na África do Sul e uma enxurrada de postagens antissemitas demonstram o risco de que tais sistemas possam ser usados para manipulação política.<sup>28</sup> Na China, perigos semelhantes são evidentes na recusa do modelo chinês de IA DeepSeek em responder a perguntas sobre o massacre da Praça da Paz Celestial em 1989.<sup>29</sup> Quanto aos fornecedores de IA sem fortes motivações ideológicas, eles estão muito expostos a pressões políticas para que se lhes confie um poder excessivo sobre o fluxo de informações.

## **Evitando a democracia sintética**

Os formuladores de políticas podem evitar qualquer um ou todos esses resultados. Um olhar mais crítico sobre a aquisição e implantação de IA pelos governos seria um ponto de partida razoável. Uma adoção mais lenta e ponderada, como a modelada por um programa piloto para funcionários do governo estadual na Pensilvânia, poderia colher os ganhos potenciais de eficiência da IA sem incorrer em suas consequências prejudiciais. Outra recomendação comum é tornar as auditorias de risco e direitos humanos padrão nos serviços de IA usados por órgãos governamentais. A desigualdade poderia ser combatida por meio de várias políticas tributárias, fiscais e trabalhistas específicas. Da mesma forma, recomendações para melhorar a saúde do jornalismo — por meio de apoio público, modelos filantrópicos e iniciativas cidadãs, por exemplo — são comuns. O desafio não é a falta de ideias ou instrumentos políticos.

Na verdade, as democracias atuais sofrem com a falta de vontade política. Os formuladores de políticas estão encantados com as promessas econômicas da IA ou temem a ameaça de governos rivais vencerem a “corrida da IA” e usarem essa vitória para reafirmar sua superioridade. Os alertas sobre resultados econômicos desiguais, riscos climáticos crescentes (os centros de dados de IA requerem quantidades impressionantes de energia) e o excesso de investimento em tecnologias não comprovadas não conseguiram diminuir a influência que os investidores de capital de risco e os magnatas da tecnologia têm sobre os formuladores de políticas. Isso não pode continuar se quisermos evitar os resultados que tememos. No entanto, os defensores da democracia partem de uma posição de profunda desvantagem em relação aos magnatas da IA, que detêm tanto o controle da economia quanto uma influência formidável sobre a opinião da elite.

Dois pontos devem ser enfatizados: primeiro, a IA não é uma força inevitavelmente dominante que avança independentemente da vontade e da razão humanas, mas uma tecnologia de utilidade incerta cuja

implementação cabe às pessoas decidir. Segundo, os processos de investigação científica, regulamentação governamental e debate público podem levar tempo, mas isso não os torna inferiores ao governo por máquinas (ou seja, o governo por aqueles que possuem as máquinas). Os esforços para melhorar a governança e expandir o conhecimento nem sempre são aprimorados quando acelerados por computadores; ao contrário, como vimos nas mídias sociais, o aumento na velocidade e no volume de informação podem diminuir a qualidade do diálogo e da tomada de decisões. Substituir instituições antigas, como universidades, legislaturas e tribunais, por soluções tecnológicas rápidas concentrará o poder e a informação de forma tão intensa que as condições que tornam a democracia possível serão destruídas.

As ciências sociais e humanas estão bem-posicionadas para oferecer insights sobre esses pontos e podem fornecer contrapesos importantes às perspectivas dos profissionais do setor. O discurso em torno da IA é mais uma arena em que o conhecimento técnico se tornou supervalorizado em comparação com outras formas de especialização. Infelizmente, os ataques políticos às universidades e outras fontes de conhecimento hoje estão corroendo a voz coletiva dos profissionais preocupados com a IA e o futuro da democracia. Eles devem se manifestar agora, enquanto ainda podem.

## Notas

- 1 Fórum Econômico Mundial, *Global Risks Report 2024*, janeiro 2024, <https://www.weforum.org/publications/global-risks-report-2024>.
- 2 Sayash Kapoor e Arvind Narayanan. “How to Prepare for the Deluge of Generative AI on Social Media”, Knight First Amendment Institute da Universidade Columbia, 16 junho 2023, <https://knightcolumbia.org/content/how-to-prepare-for-the-deluge-of-generative-ai-on-social-media>.
- 3 Dean Jackson e Meghan Conroy, “Apocalypse Later? The Real Impact of AI on the 2024 Elections”, Atlantic Council, 17 outubro 2024, <https://www.atlanticcouncil.org/content-series/the-big-story/apocalypse-later>; Zelly Martin et al., “Political Machines: Understanding the Role of AI in the U.S. 2024 Elections and Beyond”, Centro de Engajamento com a Mídia da Universidade do Texas em Austin, maio 2024, <https://mediaengagement.org/research/generative-ai-elections-and-beyond/>.
- 4 Yoshua Bengio, “AI and Catastrophic Risk”, *Journal of Democracy* 34 (outubro 2023): 111–21; Tom Davidson, “The Danger of Runaway AI”, *Journal of Democracy* 34 (outubro 2023): 132–40; OpenAI, “OpenAI Charter”, 9 abril 2018, <https://openai.com/charter>.
- 5 Bruce Schneier e Nathan Sanders, “The A.I. Wars Have Three Factions, and They All Crave Power”, *New York Times*, 28 setembro 2023, <https://www.nytimes.com/2023/09/28/opinion/ai-safety-ethics-effective.html>.
- 6 Samantha Shorey, “AI and Government Workers: Use Cases in Public Administration”, Roosevelt Institute, 15 julho 2025, <https://rooseveltinstitute.org/publications/ai-and-government-workers>.
- 7 Prithvi Subramani Iyer, “How Big Data Can Bolster Autocratic Legitimacy (Via the Rhetoric of Safety and Convenience)”, Policy Brief n. 137, Toda Peace Institute, setembro 2022, 4, [https://toda.org/assets/files/resources/policy-briefs/t-pb-137\\_big-data-autocratic-legitimacy\\_ayer.pdf](https://toda.org/assets/files/resources/policy-briefs/t-pb-137_big-data-autocratic-legitimacy_ayer.pdf); Dia Kayyali, “Ask the Experts: AI Surveillance and US Immigration Enforcement”, *Tech Policy Press*, 22 abril 2025, <https://www.techpolicy.press/ask-the-experts-ai-surveillance-and-us-immigration-enforcement>.

- 8 Arvind Narayanan e Sayash Kapoor, “AI as Normal Technology”, Knight First Amendment Institute da Universidade Columbia, 15 abril 2025, <https://kfai-documents.s3.amazonaws.com/documents/c3cac5a2a7/AI-as-Normal-Technology--Narayanan---Kapoor.pdf>.
- 9 Eric Schmidt, “AI, Great Power Competition and National Security”, *Daedalus* 151 (primavera 2022): 288–98, <https://www.jstor.org/stable/48662042>.
- 10 Barton Gellman, “Peter Thiel Is Taking a Break From Democracy”, *Atlantic*, 9 novembro 2023, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2023/11/peter-thiel-2024-election-politics-investing-life-views/675946>; Jill Lepore, “The Failed Ideas That Drive Elon Musk”, *New York Times*, 4 abril 2025, <https://www.nytimes.com/2025/04/04/opinion/elon-musk-doge-technocracy.html>.
- 11 Henry Farrell, “Should AGI-preppers embrace DOGE?”, *Programmable Mutter*, Substack, 18 março 2025, <https://www.programmablemutter.com/p/should-agi-preppers-embrace-doge>.
- 12 Bruce Schneier, “Ten Ways AI Will Change Democracy”, Harvard Kennedy School Ash Center for Democratic Governance and Innovation, 6 novembro 2023, <https://ash.harvard.edu/articles/ten-ways-ai-will-change-democracy>.
- 13 Dean Jackson e Zelly Martin, “Forget Deepfakes: Social Listening Might be the Most Consequential Use of Generative AI in Politics”, *Tech Policy Press*, 18 junho 2024, <https://www.techpolicy.press/forget-deepfakes-social-listening-might-be-the-most-consequential-use-of-generative-ai-in-politics>.
- 14 Eric Schmidt, “Can democracy survive artificial intelligence?”, *Deseret News*, 5 janeiro 2025, <https://www.deseret.com/opinion/2025/01/05/artificial-intelligence-and-democracy-eric-schmidt>.
- 15 Sarah Kreps e Doug Kriner, “How AI Threatens Democracy”, *Journal of Democracy* 34 (outubro 2023): 122–31; Adam Mazmanian, “House bill targets AI-generated comments in rulemaking”, *NextGov/FCW*, 8 maio 2024, <https://www.nextgov.com/artificial-intelligence/2024/05/house-bill-targets-ai-generated-comments-rulemaking/396419>.

- 16 James Fishkin et al., “Is Deliberation an Antidote to Extreme Partisan Polarization? Reflections on ‘America in One Room’”, *American Political Science Review* 115 (novembro 2021): 1464–81; Hugo Mercier e Dan Sperber, *The Enigma of Reason* (Cambridge: Harvard University Press, 2019).
- 17 D. Sunshine Hillygus, “The Evolution of Election Polling in the United States”, *Political Opinion Quarterly* 75, n. 5 (2011), 962–81, <https://sites.duke.edu/hillygus/files/2014/06/HillygusPOQpolling.pdf>.
- 18 Amartya Sen, *The Idea of Justice* (Cambridge: Harvard University Press, 2011) [Ed. bras.: *A ideia de justiça* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011)].
- 19 David Rotman, “Technology and Inequality”, *MIT Technology Review*, 21 outubro 2014, <https://www.technologyreview.com/2014/10/21/170679/technology-and-inequality>.
- 20 Eli G. Rau e Susan Stokes, “Income Inequality and the Erosion of Democracy in the Twenty-First Century”, *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 122, n. 1 (2025), e2422543121, <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.2422543121>.
- 21 Stephanie A. Bell e Anton Korinek, “AI’s Economic Peril”, *Journal of Democracy* 34 (outubro 2023): 151–61
- 22 Moritz von Knebel, “When We Are No Longer Needed: Emerging Elites, Tech Trillionaires, and the Decline of Democracy”, *Tech Policy Press*, 8 maio 2025, <https://www.techpolicy.press/when-we-are-no-longer-needed-emerging-elites-tech-trillionaires-and-the-decline-of-democracy>.
- 23 Courtney C. Radsch, “Can journalism survive AI?”, Brookings Institution, 25 março 2024, <https://www.brookings.edu/articles/can-journalism-survive-ai>.
- 24 Casey Newton, “How AI bots are suffocating Wikipedia”, *Platformer*, 1º abril 2025, <https://www.platformer.news/wikipedia-ai-bot-traffic-costs-plan>; Nic Newman e Federica Cherubini, “Journalism, media, and technology trends and predictions 2025”, Reuters Institute, 9 janeiro 2025, <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2025>.

- 25 Michael M. Grynbaum e Ryan Mac, “The Times Sues OpenAI and Microsoft Over A.I. Use of Copyrighted Work”, *New York Times*, 27 dezembro 2023, <https://www.nytimes.com/2023/12/27/business/media/new-york-times-open-ai-microsoft-lawsuit.html>.
- 26 Ilya Shumailov et al., “AI models collapse when trained on recursively generated data”, *Nature* 631, n. 8022 (2024): 755–59, <https://www.nature.com/articles/s41586-024-07566-y>.
- 27 Parshin Shojaee et al., “The Illusion of Thinking: Understanding the Strengths and Limitations of Reasoning Models via the Lens of Problem Complexity”, Apple, junho 2025, <https://machinelearning.apple.com/research/illusion-of-thinking>.
- 28 Kylie Robison e Paige Oamek, “Elon Musk’s Grok AI Can’t Stop Talking About ‘White Genocide’”, *Wired*, 14 maio 2025, <https://www.wired.com/story/grok-white-genocide-elon-musk>.
- 29 James T. Areddy e Isabella Simonetti, “DeepSeek’s Chatbot Works Like Its U.S. Rivals—Until You Ask About Tiananmen”, *Wall Street Journal*, 30 janeiro 2025, <https://www.wsj.com/tech/ai/deepseek-chatgpt-tiananmen-square-efcd9938>.